

EPISODIOS DA GUERRA DO PARAGUAY

Assalto de Peribeby

Corria o mez de Agosto. Nosso exercito marchára através das cordilheiras por Valensuella, depois de haver batido o inimigo na picada de Sapucahy que é um dos muitos attestados da dedicação e do valor do brigadeiro Emilio Luiz Mallet e do coronel Francisco Lourenço de Araujo.

Este voluntario da patria que assignalados serviços nos prestou na campanha de 1865—1870, bravo militar, cujo nome era aureolado pelas tradições paternas do heroe de Pirajá, o alferes da guarda nacional da Bahia, aquelle, o valente estrangeiro, dedicado em extremo á patria adoptiva, e que pela actividade, zelo e coragem com que commandava o 2º regimento de artilharia, conquistou-lhe a designação de *artilharia a revolver*. Ambos bravos, ambos intelligentes e dedicados ao serviço da patria, foram amigos intimos. A natureza que os fizera rivais pela prodigalidade com que lhes distribuiu dignas qualidades, uniu-os por uma *sympathia mutua* e inalteravel.

Antes das 2 horas da tarde do dia 5 de Agosto desembocando nossas forças no intrincheiramento paraguay, o inimigo desamparou-o, fugindo para as mattas, deixando em uosso poder duas peças de bronze, montadas em seus reparos, fundidas em Caacupé, muitas munições de guerra e um prisioneiro. Esse triumpho nos custou cinco feridos ao sahir da picada a brigada do coronel Francisco Lourenço.

Logo ao aproximarmos de Valensuella, na planicie que a cerca, encontramos dous

infelizes brasileiros e alguns europeos. Causava lastima ver-se aquellas figuras macilentas, pallidas e andrajosas. Eram victimas do tyrano Lopes, que as tinha deixado em misero estado de saude, alquebrados por serviços brutaes, estafados pela fadiga e pela fome. Esses infelizes pareciam cadaveres, tal era o estado arruinado de saude em que se achavam.

Indo a nossa vanguarda até S. José (fazenda da mãe de Lopes) encontrou uma grande quantidade de calices, thuribulos, custodias, lampadas e outros objectos de prata massiça, destinados ao culto divino, e entre elles alguns que podiam ser considerados verdadeira obra d'arte.

As preoccupações da marcha, a falta de meios de transporte não permitiram que se inventariassem esses objectos, aquelles porém que puderam ser conduzidos pelos soldados, foram mandados entregar á intendencia.

Era nosso *desideratum* atacar a praça forte de Peribeby. Para esse fim marchavam as nossas forças ao commando de Sua Alteza

o general em chefe Conde d'Eu, cuja actividade não deixou nada a desejar-se e excedeu a expectativa de muitos.

Sendo necessario abrir communicação mais rapida com as forças que haviam ficado em Pirayú e Paraguay, Sua Alteza mandou marchar um regimento de cavallaria, um batalhão de infantaria e meio batalhão de engenheiros, sob o mando do coronel Pinheiro Guimarães no intuito de desobstruir a picada de Albopicuá; resultado conseguido pela boa direcção desse official, acurádo e perseve-



Conde d'Eu

rante trabalho de nossos soldados. Depois de ter o exercito atravessado uma mata espessa e diferentes arroyos, em cujos pontos a estrada precisou de concertos para passagem de nossa artilharia, chegámos em frente á praça de Peribebuy.

Forte trincheira guarnecida por dezoito canhões e um morteiro, desde logo que foram apercebidas as nossas forças, vomitou contra nós tiros com granadas.

Se não fôra ter seguido uma força para *Barreiro Grande*, o ataque a Peribebuy seria a 11, mas as familias que nossos bravos libertaram, duzentos brasileiros, além de terem inutilizado uma fabrica de salitre alli existente, bem compensaram um dia de demora.

A nossa artilharia sendo collocada em boa posição na noute de 10, ao alvorecer do dia 12 rompeu fogo contra Peribebuy, cujas faces de seu entrincheiramento ficaram quasi todas enfiadas.

Antes do assalto por mais de duas horas sustentou-se nutrido bombardeio, sendo ao mesmo tempo collocadas as columnas de ataque em posição conveniente, na parte em que melhor defendidas pareciam da artilharia inimiga.

Dividio-se nossa força em tres columnas; da direita, dirigida pelo general em chefe o Sr. Principe Conde d'Eu, a da esquerda pelo marquez de Herval e a do centro pelo general Victorino Monteiro.

Na frente das columnas marchava uma grande linha de atiradores seguidos de carroças com pranchões e fardos de alfafa, destinados a entupir os fossos, e um contingente do batalhão de engenheiros com as ferramentas necessarias para concluir a brecha no parapeito que acobertava o inimigo.

Foi o primeiro combate em que vi a tactica militar observada em todas as suas necessarias minudencias.

Honra, pois, a esse bravo continuador das gloriosas tradições dos Orleans; honra a esse militar valente e general instruido que, seguro e ádenodado, levou-nos á victoria.

E' no combate que o soldado julga da aptidão de commando de seu general. Foi no dia 12 de Agosto de 1869 que o exercito, já conhecendo o Principe pela sua actividade e intelligencia, mais firmou seu conceito diante das deliberações tomadas no assalto de Peribebuy, e d'ahi partio uma amizade mais intima significada a cada momento pela admiração geral dos altos conhecimentos militares revelados por Sua Alteza.

A's 8 1/2 horas da manhã sôu o toque de avançar. Os nossos batalhões se arremessaram com tal enthusiasmo contra as fortes trincheiras inimigas que não se pôde naquelle

assalto notar os innumerados actos de bravura praticados por officiaes e praças: dir-se-hia um vulcão, cujas crateras expelliam fogo para todos os lados fazendo centenas de mortes. Sorprehendido, o nosso general em chefe nos comparou aos mais denodados soldados do mundo; se ficamos o conhecendo não menos conhecedor ficou elle do quanto valiamos.

O bravo commandante do 1º de infantaria então tenente-coronel Moraes Rego, possuido de desmedido enthusiasmo e vendo cahir morto o audacioso e intelligente general João Manoel Menna Barreto, voltou-se para o 1º batalhão de que era commandante e dando a voz de carregar *sem dar um tiro*, seguido pelo 8º batalhão do commando do tenente-coronel Bacellar, transpuzeram a trincheira sem que os paraguayos podessera descarregar segundo tiro de metralha. Na frente desses dous corpos que carregaram á bayoneta e assaltaram a fortificação destacava-se a figura homérica do coronel Francisco Lourenço (hoje barão de Sergy), um dos primeiros a transpôr o fosso levando o inimigo de vencida, que em desordem procurava escapar-se, cahindo exangues, confundidos com a nossa tropa. Na mesma occasião faziam prodigios de valor o 7º e 10 de infantaria, 23 e 27 de voluntarios, sendo o estandarte do 23 o primeiro que tremulou no arraial inimigo, apesar da lucta medonha que, em torno delle, se encarniçou; mas o alferes Gaspar Ribeiro de Almeida Barros, não obstante cinco vezes ferido, defendeu heroicamente a bandeira do 23, sem que um só pulso inimigo pudesse arrancar-a do solo¹.

Muitas mulheres paraguayas falleceram pelejando. Entre ellas, uma houve, destemida e robusta, que, na occasião de tombar mortalmente ferida, os frangalhos que lhe cobriam o corpo deixaram-n'a nua. A heroína era hermaphrodita. Aquella coragem, que eila apresentava na lucta, devia, ao certo, pertencer a um sexo diferente do que inculcavam suas vestes. E, ainda por terra, inanimada, suja de sangue e de poeira, brilhava no seu pulso rigidido a folha de um sabre, em seus labios pousava um somno frio, feito de orgulho e de sarcasmo.

Grandes foram os despojos desse combate; além de muitos petrechos de guerra, taes como espingardas, sabres, tambores, cartuxos e canhões, foram encontrados em casa de Miss Lynch, objectos de prata, medalhas e moedas de prata e ouro, grande somma de mantimentos, vinhos e licôres finos.

O assalto de Peribebuy foi o melhor feito

¹ Almeida Barros era portuguez naturalisado.

d'armas, da guerra do Paraguay, na sua segunda phase. Elle marcou uma data gloriosa para o nosso exercito e gravou indelevelmente o nome do grande general, S. Alteza o Sr. Conde d'Eu, no coração daquelles que tiveram a gloria e honra de serem seus subordinados.

F. Felix DE ARAUJO,
Capitão de infantaria.



VALLISNERIA

Conclusão

A natureza é a mais excellente das mãis. Porque é um lugar commum, uma verdade por todos reconhecida, não deixa de ser uma verdade.

O pelicano, essa ave emblematica da mais sublime das instituições, abrindo as veias para alimentar com o proprio sangue a prole, é uma fraca imagem da natureza⁶.

Elle dá sómente o sangue e ella dá o coração, os pensamentos, todo seu sêr, e, como em um fluxo e refluxo mystico, troca, substitue por novos elementos aquelles componentes dos sêres da criação, que precisam de reparar as perdas no grande laboratorio de seu seio.

E não é só isso o que ella dá a seus filhos.

Aquelles que sabem inquiril-a, ella descobre o segredo de sua propria organização e das leis que a regem.

E se a phantasia a procura, a natureza não encerra seu cofre de mysterios: offerece-lhe contente para que, metamorphoseando-os, sem desviar-se da verdade, os patentêe sob um prisma de mais luminosas côres.

⁶ Pelicano.—Ave da ordem dos *palmipedes*, familia dos *Totipalmati* de Cuvier por ter os pés inteiramente espalmados.

O symbolo que se prende a essa interessante nadadora funda-se no facto de possuir ella, debaixo da mandibula inferior, uma espessa membrana, dilatada em especie de bolsa ou sacco, que serve para deposito das provisões que o animal caça para os filhos de quem é muito extremoso.

Quando vem ao ninho offerecer alimento a seus pintainhos, por meio de pressão que exerce com o longuissimo e largo bico sobre a bolsa guttural, faz della saltar os alimentos ahí conservados, parecendo á primeira vista que é o proprio seio que a ave dá aos filhos avidos, que devoram, quanto do deposito sahe por meio do processo já indicado.

Assim nasceu este dramazito, cuja acção se passa por entre as frescas aguas de um dos tributarios da lagoa de Aviz.



Grande parte da superficie daquelle pequeno lago é adornada das grandes e carnudas folhas de muitas especies de *nymphaeaceas*⁷.

E os mais formosos nenuphars se expandiam por sobre o leito verde-louro de suas folhas cordiformes e orbiculares.

E o grande nenuphar branco, o lirio dos lagos, e o nenuphar amarello e o nenuphar ceruleo, pareciam formar o mais gigantesco ramilhete que jámais se-vio em aguas americanas⁸.

E das margens até alguns metros a dentro, *piperys*, *tabúas* e outras *cyperaceas*⁹, e muitas *juncaceas*, elevavam seu talhe elegante, e suas folhas longas e estreitas, por cima das aguas¹⁰.

E algumas gramineas augmentavam a riqueza vegetal daquelle sitio¹¹.

E nos pontos descobertos, nas clareiras desse bosquezinho, só ahí a nuvem, que percorria os páramos azues, podia mirar seus flocos de argenteo brilho.

⁷ *Nymphaeas*.—Plantas aquaticas, encantadoras de esplendor e belleza, e de que se contam muitas variedades, sendo as mais notaveis a *Euryale*, o *Lotos*, flôr sagrada dos Indús, e a *Victoria* (*Victoria Reginae*), nome dado pelo botanico inglez Lindley em honra de sua rainha.

As flôres brancas de centro purpurino desta *nymphaeacea* americana chegam a attingir a 0m,30 de volume, e as folhas ao diametro de um a dous metros.

⁸ *Nenuphars*.—São plantas da citada familia das *Nymphaeaceas*, que apresentam os mais bellos especimens adornando as aguas tranquilladas de ambos os hemispherios.

⁹ *Cyperaceas*.—Familia de plantas herbaceas, de aspecto semelhante ao das *Gramineas* e com ellas confundidos pelo vulgo Pertence a esta familia de vegetal o *Papyro* (*Papyrus antiquorum*), que na antiguidade substituiu as laminas metallicas cobertas de cêra, com que gravavam com estylete. Possuimos algumas especies uteis, e de que a pobreza de nossos campos se aproveita para fabricar esteiras, cobrir casas, acolchoar cangalhas, etc. A *tiririca*, o *pipery* e a *tabúa* ou *tubúa* são desse numero.

¹⁰ *Juncaceas*.—Plantas como as *Cyperaceas* herbaceas, que nascem em lugares humidos e alagados, das quaes algumas especies fornecem materia-prima aos empalhadores, cesteiros, etc., e outras aos floristas, que com a medula esponjosa fabricam os objectos de sua profissão artistica.

Diz distincto professor, o Sr. conselheiro Caminhoá, que as *Juncaceas* servem principalmente para disseccar pantanos e depurar o ambiente.

¹¹ *Gramineas*.—Plantas herbaceas de folhas estreitas e lineares, alimento principal dos animaes herbivoros. Não ha quem as não conheça, bastando dizer que pertencem a esta familia o bambú, o arroz, centeio, trigo, aveia, a cevada (a maior parte dos cereaes), a canna, a gramma, o capim-gordura e outras plantas forrageiras, etc.

Quasi na extremidade oriental dessa toalha de crystaes, adornada de esmeraldas, topazios, turquezas e chrysolithas, havia um grupo de plantas herbaceas da familia das *hydrocharideas*.

Como repuxo de multiplos conductos e impellido pela pressão de muitas atmosferas, sahia da superficie do lago uma touceira de



VICTORIA REGIA (vide nota 7)

longas folhas lineares, levemente dentadas nas extremidades superiores.

E essas folhas, como todas as folhas caulnarias, iam-se ligar ao caule volumoso, fortemente preso ao adubado alveo daquela bacia de mais de metro de profundidade.

E quando as brizas da tarde vinham do Atlantico, e, apesar dos intrincados ramos da floresta, desciam a bafejar as plantinhas rasteiras, as folhas dessa lacustre balouçavam-se docemente, obedecendo a suave ondulação.

E entre aquella folhagem verde-gaio uma flôr branca surgia presa a um pedunculo, que em espiraes vinha do centro do caule arrimando-se a esta e áquella folha, a que se enroscava, para mais facilmente poder manter-se em pleno ar.

Dir-se-hia uma serpe que subira por um gladio, formando um symbolo desconhecido.

E essa flôr, com garridez voluptuosa, elevava seu calice nú por sobre a peanha verde de seu espatho bifido.

Era como a imagem de Bethzabet, quando, ao entrar no banho, crendo-se só, desnudava seu corpo gentil, deixando cahir a seus pés as amplas vestes que antes o occultavam aos olhos do rei psalmista ⁴².

⁴² Samuel II—11.

E para o *simile* ser mais perfeito, lá no fundo das aguas, outra flôr, quasi igual, só differente em ter estames em vez de estyletes, fictava apaixonadamente a primeira, estorcendo-se em ancias de desespero por não poder acompanhá-la.

E essa flôr fazia esforços para vir á tona d'agua, esforços inauditos e infructiferos!

Havia um obstaculo? Seu pedunculo era curto; não tinha, como o de sua vizinha, o recurso das espiras para distender-se *ad libitum*.

E a flôr submersa fitando a flôr que ostentava-se acima do nivel das aguas, entoava sentidas endeixas.

E pelas moleculas do fluido em que jazia subiam seus gemidos.

E esses gemidos podiam se traduzir assim:

— Oh! *Vallisneria*, porque me fugiste, porque assim abandonaste o mais fiel companheiro que o céo te ha concedido.

Pois não vivias tão bem a meu lado? Embora em berço differente houvessemos nas-



DIONÉA (vide pag 158)

cido, eu não te amei sempre como o irmão mais extremo?!...

As auras vespertinas repetem hodiernamente a historia da infancia feliz de dous filhos dos homens, que viveram por ahi além, no meio dos bosques *simile* aos de nossa America risounha⁴³.

Esses meninos não viveram mais unidos que nós; *Paulo* não amou mais a *Virginia* do que eu a ti, *Vallisneria*! . .

E *Virginia*, mais affectuosa, só obrigada abandonou seu amado, no entanto que tu, *Vallisneria* de meus sonhos, fugiste de mim logo que a hora da juventude soou a teus ouvidos!

Acaso te zangaste vendo meus transportes amorosos?!...

Querias que eu dissimulasse a paixão ardente que tua belleza accendeu em minhas antheras!

Era impossivel!

Duvidas? Ouve-me complacente.

Mais velho do que tu, comecei a amar-te desde que, através das membranas da espatha bivalve que me protegia, eu pude contemplar tuas formas ainda indecisas, occultas no cofre de esmeraldas de tua espatha bifida⁴⁴.

E fui acompanhando teu desenvolvimento rapido, ao passo que tambem desenvolvia-me.

E assim fui bebendo gotta a gotta o nectar doce-amargo do amor!

Não imaginas, *Vallisneria* encantadora, quão cheio de alvoroço fiquei

quando, um dia, depois de despedaçares completamente tuas fachas infantis, vi-te nua e linda como alabastrina estatua praxitelica.

⁴³ Allude-se ao romance *Paul et Virginie*, mimosissima ecloga e brilhante monumento da litteratura franceza, erigido por Bernardin de Saint-Pierre, o cantor da natureza tropical.

⁴⁴ Espatha é o envolvero composto de bractees (folhas em geral coloridas que se avizinham das flores, com que muitas vezes são confundidas), que amparam a inflorescencia de certos vegetaes, como bem se pôde verificar examinando uma bananeira em flôr.

Como te achei bella, como minhas antheras palpitarão! . .

Nunca desejei ser formoso como nesse dia: queria attrahir teus olhares e ser amado por ti!

No entanto pareço-me contigo; pouco diferentes são nossas corollas, são iguaes nossos espathos e nosso colorido.

E acho-te mais formosa do que eu, de continuo te contemplo, e no entanto jámais miro-me no espelho das aguas

Semelhantes são nossos progenitores; elles são irmãos e amigos; suas *rhisomas* se abra-

çam amorosamente debaixo da camada de humus em que se prendem ao solo, suas folhas são irmãs; elles descendem do mesmo thoro, —e eu não te amo como parente!

E' que eu não posso, *Vallisneria*.

Quando eu fito teus estyletes elegantes, minhas antheras refervem, e eu sinto agitar-se dentro dellas um fogo estranho.

E' o pollen que se fórma, louro como a chuva das Danaides.

E esse pollen formou-se para ti, para fecundar teu rijo pistillo, oh! *Vallisneria*!

E quando eu contava possuir-te, tu, malevolamente pudica, timida fugiste para longe, aproveitando a vantagem, que eu não tenho, de um hastil

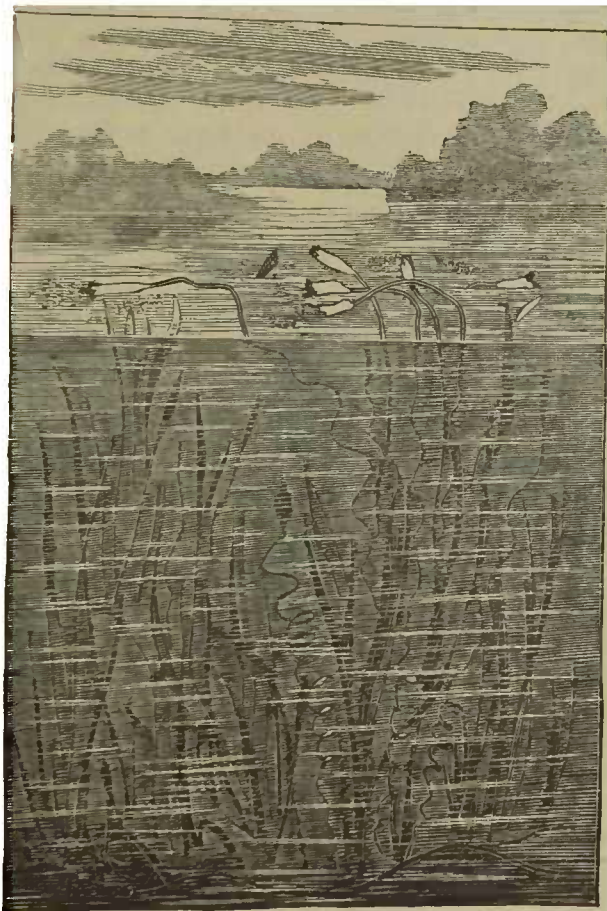
elastico e accommodado em bem contornados espiraes!

Porque me foges, minha doce amiga; porque recusas illuminar minha existencia?

E fugiste para onde eu não posso acompanhar-te...

Infeliz de mim, que vejo pago com desdens o amor que te consagro.

Mas não vês que por lá esvoaçam insectos damnhos, que podem prejudicar a alvura de tuas petalas rijas como se fossem de cêra.



VALLISNERIA (vide pag. 164)

Não vês que me ralam ciumes, vendo-te alvo dos olhares de todos ?

Vem, volta a este remanso doce e solitario do fundo do lago.

Lá se respiras oxygeneo puro, aqui podes tel-o mais fresco e salutar, extrahido das aguas por intermedio de tuas *stomas* ¹⁵

Lembra-te que tuas folhas expostas ao ar seccam-se mais promptamente ; não te illudas por veres vicosas as plantas aerias : nossa organização é differente.

Desce, tem pena de mim !

Não abuses da escassez desprezível de meu pedunculo sem elasticidade e sem curvas.

Se fosses como o nenuphar branco, não me queixaria, porque ao pôr do sol mergulharias a repousar a meu lado para só emergires ao romper d'alva ; mas tu noite e dia conservas-te em cima, parecendo-me gostares de contemplar as estrellas e de adornar-te com as perolas do orvalho.

E eu preso a rhisoma que me alimenta, como o calceta infeliz, sem luz e sem esperanza, ás paredes de seu ergastulo.

Porque, ó natureza madrasta, nos fizeste *dioica*, nos fizeste unisexual, quando fizeste muitas outras *hermaphroditas* ?

Se ao menos eu não vivesse submergido, poderia sacrificar ao deos do amor, tendo por sacerdotes as auras matinaes, a viração vespertina e até mesmo o sôpro rijo da tempestade.

Oh ! muitas de minhas semelhantes são fecundadas assim.

Poderia encontrar uma abelhinha laboriosa para levar presa em suas patas o enebriante pollen que me desorienta.

Oh ! por esses meios deixam de ser infelizes, como eu sou, a formosa tamareira do deserto, o salgueiro—esse companheiro inseparavel dos tumulos—e tantas outras irmãs !...

Se ao menos eu fosse como a *vaucheria*, que desprende filamentos para dar existencia, longe de si, a novos sêres de sua especie !

Porque não nasci na ultima classe do povo vegetal, porque nasci de familia superior á das algas ?...

Aristocracia bastarda. Irrisão !...

De que vale essa fallaz superioridade, de que me vale contar maior ascendencia, se eu sou infeliz !...

Superior seria se pudesse transportar-me para onde quizesse, como faz a *oscillária* ¹⁶,

¹⁵ *Stomas*.—Os poros corticaes e epidermicos das plantas, e por onde respiram.

¹⁶ *Oscillária*.—Interessante individuo da historia natural, cujas qualidades têm-n'o feito classificar ora como do reino animal, pois é animado de movimentos espontaneos, fugindo, oscillando, quando buscam-n'o attingir; ora como do reino vegetal, pois que possui a

essa filamentosa alga, que faz o que não póde fazer nem o monarcha das selvas brazileiras, o jequitibá, cuja altura e possante ramificação vem muitas vezes, ao descambar do sol, projectar sombras em meu humido leito.

Superior !... Eu me julgaria superior á minha ascendencia se fizesse parte do van-glorioso genero humano, que, começando de nós, até desdenha seus mais proximos antepassados !...

A dôr me desorienta ! Ai ! Eu sou um desgraçado que morrerei sem prole !

Vallisneria, não posso mais, chego ao paroxismo da paixão ; meu pollen se transvasa e perde-se nas aguas !

Tem pena de mim.

Será o pudor que te ensurdece, a virgindade que te faz insensível ?

Se é, maldito o pudor, maldita a virgindade que te faz transgredir a lei natural da procreação, o mysterio sublime da maternidade !.

Se a virgindade perpetua fosse imposta pela nossa provida mãe, a natureza, para que meus estames palpitariam ? teu pistillo entumesceria ? chegaríamos ambos ao periodo bemdito da anthese ?

Ouve-me e vem !

Ai, eu morro !...

*
** * **
* *

E o adorador de *Vallisneria*, tremulo, offegante, possesso de eroticos transportes, cahio convulso aos pés de sua amada.

E tombando em deliquio suas antheras superabundantemente fornecidas do louro elixir do amor, deixaram derramar em catadupas esse pediluvio abrasante e abrasador.

E *Vallisneria*, ou commovida das agonias do adorador, ou electrizada pelo magnetismo do fecundante pó, estremeceu, e soluçando exclamou :

— Não morras, vem !...

Eu tambem quero amar ; mas aqui, á face do céo, aqui nesta camara illuminada pelo sol e diante do mundo inteiro.

Quem ama sente-se forte. Arrosta perigos, vence obstaculos, conquista laureis : torna-se heroe !

E' assim que eu consinto em ser amada.

Se não és capaz de tanto não me falles em amor.

apparencia da planta, tendo até o chlorophila. Alguns naturalistas fazem-n'o um *cryptogamo* da classe das algas, outros, com Bory-Saint-Vincent, um *infusorio*. O eminente professor Hackel fal-o pertencente ao reino dos *protistas*, um sêr entre o animal e o vegetal, possuindo igualmente attributos de um e de outro.

Conta um desses a quem as mulheres chamam poeta, e os homens positivos—loucos, e Deos—videntes, que houve um anjo que abandonou o céo, o paraíso, a felicidade eterna, para amar uma mulher ! ..

E' como eu sonho ser amada : sem calculo, sem plano, sem limites !...

Amas-me assim ? !.

Vem !...

Vem, mas lembra-te : meu amor se é a felicidade indefinivel, é tambem o aniquilamento.

Nenhuma de minhas companheiras foi afagada duas vezes pelo esposo.

Entre nós a camara das nupcias é o portico do alcáçar da morte.

Ser esposa para nós é ser viuva !...

Se assim mesmo, porém, te convenho, eu te espero !

Vem !...



O adorador de *Vallisneria*, ouvindo da idolatrada aquelle hymno de indiziveis melodias, fez tantos esforços para libertar-se do grilhão que o prendia ao fundo do lago, tanto se distendeu, tanto empuxou, que o laço, que o prendia ao lar materno, arreventou-se, e elle emergio, rapida, subita, inopinadamente á superficie das aguas.

O amor, o clarão brilhantissimo do sol, o ar puro que directamente o banhó pela primeira vez, atordou-o.

Não foi senhor de si, e seria levado para longe da róta almejada se a florinha estre-

mecida não corresse ao seu encontro, abraçada tambem pelo fogo da puberdade.

Então operou-se um factó incomprehensivel para ambos.

As petalas de ambas expandiram-se, os pistillos procuraram os estames, os stygmas provocaram as antheras e o pollen foi inundar os ovulos, que o absorveram.

Houve um instante em que as duas corollas se confundiram : foi quando o matrimonio das hydrocharideas se consummára !.

E quando o esposo despertou do gozo louco a que se entregára, uma leve ondulação levou-o dos braços de *Vallisneria* a emurchecer na margem opposta.

Tinha morrido !

Morrêra nos braços da amante como o adúltero amado de Francesca de Remini ; porém mais do que Paolo morrêra feliz : sua esposa ficára para velar sobre *sua creatura*—a immortalidade pela prole era incontestavel.

E *Vallisneria*, sentindo pulsar em seu seio o fructo de seus castos amores, retrahio-se, seu pedunculo tornou a enroscar-se, e ella submergio-se para recordar-se do esposo, aguardando a conclusão dos phenomenos da maternidade.



Traçando este quadro, a phantasia apenas ornamentou a verdade, sem desfigural-a a ponto de fazel-a desconhecida de quem buscar na botanica a historia dos amores de *Vallisneria*.

R. DE S. PAIO.



BELEM, CAPITAL DO PARÁ

Até 1615 era a região amazonica desconhecida completamente para Portugal, que contentava-se com saber que ahí existia o rio Amazonas, e que esse territorio era seu.

Sómente em 1615, quando Alexandre de Moura expulsou os francezes do Maranhão, mandou o capitão Francisco Caldeira Castello Branco subir á boca do Amazonas e fundar um estabelecimento que assegurasse o direito de posse do territorio.

Castello Branco nomeado capitão-mór, partio em meiado de Novembro daquelle anno, com tres caravelas e uns duzentos homens de força. Em fins do mez entrava pelo rio Pará, formado da reunião das aguas do

Mojú e Guajará nas do Tocantins, o qual, então, era supposto ser o mesmo Amazonas ; e em 2 de Dezembro fundeava em uma vasta bahia, abrigada por extensa linha de ilhas, e acima setenta e cinco milhas do mar.

Perto lhe ficava uma aldêa de *Tupinambás*, que o viram chegar sem descontentamento, e permittiram-lhe desembarcar e fortificar-se, emquanto officiaes e soldados, ajudados daquelles indios, erguiam as suas palhoças, dando começo, assim, ao forte do Castello, ainda hoje existente, e á cidade de Belem.

Belem está situada 1° 27' 2" ao sul da linha equinocial, e 5° 15' 22" ao occidente do Rio de Janeiro.

Os *Tupinambás*, seus primitivos donos, chamavam-a *Mayró*.

A quem, como nós, aporta, descendo o rio, traz à idéa a vista de Montevidéo, pela sua posição n'um promontorio, a disposição das ruas e templos, e a enseada do arsenal, que tambem recorda a *Ensenada* da capital cisplatina.

E' uma das mais bellas e agradaveis do Brazil, e talvez a quarta em população e commercio.

Distingue-se em cidade velha e nova: nesta as ruas são mais bem alinhadas, quasi parallelas e de regular largura, algumas sombreadas com aléas de gigantes mangabeiras, mangueiras e palmeiras imperiaes (*Oreodoxa oloracea*), formosos especimens da maravilhosa vegetação do paiz, e que ahi fazem immorredouro o nome do general Jero-

alinhamento, e por correr parallelamente ao caes, que lhe fica fronteiro.

Conta varios edificios notaveis, entre outros o theatro da Paz, na praça D. Pedro II, antigo largo da Polvora, um dos melhores estabelecimentos do seu genero, senão o melhor do Imperio; o palacio do governo, no largo do Palacio, vasto edificio, de architectura pesada, mandado construir pelo marquez de Pombal para residencia real, sendo sabido que era uma das suas idéas de maior magnitude a transferencia da côrte para o Brazil; o paço da assembléa provincial ainda em construcção e muito semelhante ao precedente; a cathedral, Nossa Senhora da Graça, templo de tres naves, e um dos mais vastos e imponentes do Brazil; a graciosa



LARGO DO PALACIO, BELEM

nymo Francisco Coelho, o primeiro presidente que promoveu o seu plantio. As da cidade velha são menos rectas e parallelas.

Prolongam-se para fóra da cidade com o nome de estradas, e são orladas de chacaras e sitios, ou rocinhas, algumas bem apraziveis e encantadoras, vivenda habitual de pessoas abastadas, muitas empregadas na cidade.

Dessas ruas, as do Imperador, Imperatriz e Mercadores são as principaes, largas e vistosas, no centro do commercio e as de maior concurrencia da população, sendo a primeira a mais bella por seus edificios e melhor

matriz de Sant'Anna com um formoso zimborio; o collegio do Amparo; o Banco Commercial; o hospital portuguez de Beneficencia, e tambem—porque não deixa de ser notavel—o antigo convento das Mercês, enorme casarão não concluido, e que apezar disso accomoda a alfandega com seus armazens e guarda-moria, o correio, a recebedoria provincial, a caixa economica, e ainda—o que é singular—duas tabernas ao lado da igreja!

Na praça do Palacio a gratidão nacional vai erigir a estatua de um dos mais distinctos filhos da provincia, o heroico general

¹ Já erigio.

Gurjão ; monumento que tanto honra a memoria desse soldado illustre, como exalta o patriotismo dos seus comprovincianos.

Desde 1864 é a cidade illuminada a gaz.

Dizer que seus arredores são pittorescos e aprazíveis desnecessario é. Entre todos, destaca-se o de Nazareth, onde annualmente, n'uma pequenina igreja, na praça do mesmo nome, celebra-se a festa mais popular da terra.

A estrada de Marco-de-Legua é um longo e formoso passeio, de mais de legua, bordado de ambos os lados pelas mais soberbas arvores.

Ha na cidade uma linha de carris de ferro ou *bonds*, de muito trafego, como ordinariamente são todas as do seu genero.

dente o Sr. Dr. Portella, inquestionavelmente um dos que maior impulso deu á instrucção popular ; um lyceu de preparatorios para as faculdades superiores do Imperio, com cento e poucos alumnos ; dous seminarios episcopaes, *maior* e *menor* ; um instituto de educandos artifices ; um asylo dirigido por irmãs dorotheas, e varias outras casas de educação, entre as quaes goza do melhor conceito o collegio de educandas de Nossa Senhora do Amparo.

Conta a provincia 260 escolas publicas com 10.737 alumnos, dos quaes 3191 meninas, segundo os ultimos relatorios.

O commercio é florescente e promettedor.

Belem ha de ser um dia, e bem proximo, um dos mais importantes centros commer-



LARGO DO QUARTEL, BELEM

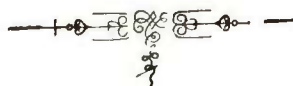
A população de Belem orça por uns 35.000 a 40.000 habitantes, segundo os mais recentes dados.

Ha na cidade uma escola normal, actualmente com 86 alumnas e 29 alumnos ; uma bibliotheca com mais de 8000 volumes, creadas em 1871 e ambas instituições do presi-

ciaes da America do Sul, e o emporio mercantil de toda essa vasta bacia amazonica².

DR. J. SEVERIANO DA FONSECA.

² Viagem ao redor do Brazil, 2 vols Rio de Janeiro, typ. Pinheiro & C., 1850.





o bater das Trindades chegava o João á casa, uma possilga escura, n'um becco da cidade nova. Era um operario, empregado na fundição de ferro Brisson & Montereal, firma conceituada no commercio, e que pelo genio industrial do americano Brisson offercia sustento a oitenta trabalhadores. O João trabalhava muito, e como tinha em sua companhia a mãe e a irmã, uma rapariga de quatorze annos, chamada Leonor, caprichava no cumprimento das suas obrigações, temendo de um dia para outro ficar sem o emprego. Ninguem como elle fazia tão depressa o rancho. Em quatro minutos mettia no bucho a carne secca e a farinha que levava na marmita, e muitas occasiões passou sem tomar café por causa da pressa em concluir alguma obra. Essa dedicação ao trabalho e essa preocupação pela vida da familia concorreram muito para fazel-o calado, insociavel. D'ahi veio-lhe o alcunha de *Casmurro*. Chamavam-lhe: o João Casmurro; appellido que dizia bem com o seu typo baixo, robusto, cabeçudo e feio.

— Sou, sou casmurro, corja; mas trabalho.

Murmurava elle por entre dentes, correndo a lima sobre a peça que o tórno fazia girar vertiginosamente.

Pouco tempo demorava-se em casa. Chegava, mudava a roupa, devorava o jantar e sahia para o Lycêo de Artes e Officios. Mettera-se nos estudos, porque o saber não occupava lugar; dizia. Pensou em estudar muito, fazer os preparatorios, entrar para a Escola Polytechnica. Não seria o primeiro, explicava á mãe que sorria, duvidando dessas aspirações. Não seria o primeiro. «Olhe, o Dr. Fortunato, um engenheiro ahi assim muito fallado, foi caixeiro de venda; e o Dr. Rodrigues Souto, o medico, aquelle que andou a fazer descobertas para curar o cholera, começou a vida como tropeiro, em S. Paulo; quando aprendeu o *a b c*

tinha vinte e cinco annos, um pedaço de gente, taludo, já pai de filhos.»

A mãe, defronte d'elle, assentada n'um môcho, ao lado opposto da mesa, abria os olhos, admirada. Mas isso aconteceu com os outros.

— Então, eu não posso fazer o mesmo?

— Pódes... Lá poder... pódes.

Resumia ella a seu modo, com um olhar cheio de duvidas. Era baixa, sadia, a cabeça redonda, cabellos negros e pupillas espartas. A Leonor na cabeceira da meza, fazia *crochet*, á luz do pequeno lampeão de petroleo que alumia a possilga. Parava o trabalho, lançando ao irmão um olhar bondoso e demorado. E, depois ao retomar os pontos, dizia com a vózinha fresca: Talvez tivessem quem lhes dêsse a mão...

— Nada. Não senhora, Fizeram-se por si, a custo de muito suor. Olha, a quem trabalha Deus ajuda.

Fallava com convicção, sentindo-se forte para a luta. Ser um bacharel, um doutor, era o seu sonho; mas só deixava transpirar essas aspirações entre a familia; com os companheiros nenhuma palavra á tal respeito. Pobre d'elle, se, por acaso, manifestasse esses desejos; chicoteavam-n'o a debique. E folheando os livros de estudo, lentamente, todo debruçado, promettia á irmã um casamento rico quando elle fosse doutor. Noivos é que te não hão de faltar, basta eu collocar um d—r—antes do nome. Has de vêr.

Ella mostrava os dentinhos claros, fazendo duas covinhas nas faces, os grandes olhos humidos, alegres; e elle reparando-a com attenção: E's bonita. Se tivesses isso...

Coçava o pollegar com o indicador e concluia: — Nem precisava que eu me formasse

— Ah! de certo!...

Fazia ella sentenciosamente.

A mãe, olhava-os muda, indifferente. A's vezes cochilava, cabeceando.

Seus labios carnudos e rubros tinham pequenos movimentos imperceptiveis, e a pelle, como picada de frio, irritava-se, tornava-se aspera como um corpo de ave depennada

Era noute alta. O profundo silencio do descanso tombava em derredor; apenas n'uma casa distante, uma clarineta guinchava, incommodativa

— São horas, murmurava o João. Soerguia-se, deixando no meio da saleta o môcho sujo em que estivera sentado. Depois a mãe e a Leonor levantavam-se, em silencio, como se sahissessem do quarto de um doente que acaba de morrer.

Em uma noute a mãe fallou ao filho da necessidade de fazer a Leonor entrar para uma casa de costuras. A rapariga ia crescendo, estava moça, e precisava de ter um meio de vida. A costura dava muito.

E o João, muito serio, sentado a um canto da salêta, sobre uma caixa de pau: E' . . . mas as costureiras. . . O melhor é vôsmecê fazer o que entender.

Ficaram nisso. O rapaz certamente sentia algumas apprehensões pelo futuro da irmã. E' que esta vida parece movida pelo diabo. A Leonor era bonita, moça, tolinha; ia metter-se n'um meio de raparigas viciadas, que passam pelas mãos dos amantes como passa um copo de vinho pelas mãos dos bebedores, n'uma taverna. Ao sahir da officina, á noute, ás nove, no momento em que descem os ferros das *vitrines* com estrondo, seria acompanhada por algum sujeito que, durante o dia, estivera na loja, a olhal-a de longe, com os olhos accesos pelo instincto, brutos, perseguidores. E se o sujeito tivesse a barba escanhoadada, o bigode preto, um brilhante na gravata e outro no dedo, lá se ia a rapariga seduzida pelo dinheiro. Lembra-se de ter visto uma noute, quando voltava do Lyceu, um bigorriha, de chapéu branco, perseguir uma rapariguita como os pastores cercam as ovelhas, tresmalhadas do rebanho, nas descidas das encostas. Mas a mãe queria. Afinal elle era irmão, simplesmente irmão, e quem mandava na Leonor, m certo, não era elle.

peE ia-se, cabisbaixo, arrastando as pernas ueas ruas. Passava uma mulher espartide da, cabellos louros, orelhas adornadas lhapedras finas, chapéu alto de plumas recurvas e crespas, grandes abas de forasteiro; elle olhava-a e, desoladamente, meneiando b eça, com desdem nos labios: E' nisto qacvabam.

*
* *

Depois da entrada de Leonor para uma officina de costuras o João tornou-se mais calado, mais aborrecido. Entrava em casa devagar, com o passo difficil, a grande cabeça pendida, os labios cerrados, a physionomia desgostosa. Vida do inferno! Explosia, ás vezes, diante daquella triste saleta suja, de paredes brochadas a ocre. A mãe, ás sete horas, quando sahia para ir buscar a filha, deixava sobre a mesa o lampeão acceso, á meia luz. Ao principio o rapaz fazia crescer a torcida, dando augmento á claridade; mas, ultimamente, nem tocava no lampeão. Preferia aquella estúpida claridade de tocha. Demorava-se pouco na saleta, porque os presentimentos pelo futuro da irmã augmentavam; recolhia-se ao quarto, um cubiculo nas trazeiras do casebre, abrindo uma janella para um quintalzinho, onde um grande abacateiro abria no espaço a sua cópa rendilhada e larga. E lá no seu canto, alumiado pela luz morticia de uma véla de sebo, fumando, como um turco, grossos cigarros de papel pardo, folheava a arithmetica, aos poucos, aos poucos, estafado, tristonho, desilludido.

Quando a mãe chegava da rua, gritava-lhe da saleta: Boa noute, João; e a Leonor empurrava devagarinho a porta para ver o seu « querido: »

— Então!. como passas?

— Vou indo. . .

Respondia elle, levantando os hombros, com indifferentismo.

Leonor encostava, cautelosa, a porta; dizia-lhe: « Até amanhã, » e elle, só, ainda mais triste, ainda mais acabrunhado, debruçava-se á janella para respirar o ar da noute e illudir a tremula descida das lagrimas.

Uma occasião, ao sahir do Lyceu, tendo-se demorado um pouco a conversar com um companheiro, subio pela rua do Ouvidor para tomar o *bond* no largo de S. Francisco. Eram nove horas. Fechavam as lojas, aferrolhando com barulho as portas; pelos cafés uma multidão compacta enchia de algazarra as salas illuminadas, resplandescentes de espelhos e dourados; philarmonicas de rabecas e harpas tocavam walsas; tiniam louças e metaes; caixeiros de pastinhas e paletots curtos serviam ás pessoas, arrastando os pés pela arêa dos ladrilhos.

João voltou a cabeça para o interior do *Café Anglais*. Parou; examinou um grupo de duas mulheres que, de costas para a rua, bebiam qualquer cousa ao lado de um sujeito espigado, grandes bigodes negros e chapéu de pello de seda sobre a melena farta e lustrosa. De quando em quando o sujeito mostrava a dentadura certa e amarellada, meneiava a cabeça, fazendo reluzir os vidros

escuras do *pince-nez* de ouro. E uma das mulheres, a mais moça, fallava-lhe, com intimidade, chegando os labios á sua face.

O rapaz firmando para o grupo o olhar esgazeado, anceiava; teve necessidade de encostar-se a ombreira da porta por causa dos tremores frios que sacudiam-lhe o corpo. Um bebado que ia entrar no café deu-lhe um encontrão, chamou-lhe de burro, e foi-se, bordejando, o olhar acarneirado, o chapéo descahido para nuca. O *pince-nez* escuro do sujeito estava assestado para a porta; parecia-lhe uma provocação. As rabecas gemiam as notas languidas e cadenciadas da *Dolores*, e um rapazito que se retirava em companhia de dous homens e uma mulher rubra de carmin, vinha em passo de dança. Gritaram-lhe: *Ó chuva!* O rapazito fez uma viravolta, fctou um grupo que ria-se provocadoramente, e vomitando um palavão fez com o punho cerrado um gesto obsceno. Gargalhadas estallaram. O *pince-nez* escuro do sujeito reluziu com gravidade comica para o lado dos peraltas. Mas o Casmurro, á porta, tinha o olhar parado sobre as duas mulheres. Depois, como um corpo que se despega do seu centro de gravidade, abalou pela rua acima, varado pela dor peçonhenta da desgraça. Estava vencido. Tudo quanto prevera allí tivera diante dos olhos, n'uma mesa de café. Leonor apparecia-lhe agora como uma mulher miseravel, sem pudor, sem dignidade; não era mais a sua irmã, era a concubina daquelle sujeito de *pince-nez* escuro, depois seria de outro, e mais d'outro, por fim, de todo o mundo. E de quem era a culpa? Ah! a culpa recahia inteira sobre sua mãe. Era ella quem a acompanhava; quem decidira da entrada de Leonor para aquella maldicta officina; quem coadjuvou e consentiu o namoro do seductor. E já não tinham recatos. Andavam juntos pelos cafés, pelas ruas, e, talvez, pelos theatros. No entanto elle matava-se no trabalho; vivia encolhido, concentrado, laborioso, na sua pequenina existencia honesta. As economias que ajuntava eram destinadas, ao dote desta criança que allí vira com um homem revoltante, admirada pelo olhar de todos, commentada por frequentadores de cafés. E as lagrimas vieram-lhe aos olhos n'uma explosão de aguas reprezas que arrebetam o dique.

Estava esfalfado. Sentou-se na soleira de uma porta para repousar, porém o acabrunhamento moral abateu-o; esteve durante longas horas a soluçar, com os cotovellos fincados nos joelhos e o rosto amparado pelas mãos.

Um policial chegou-se a elle, bateu no hombro: «O' lá, camarada, aqui não é logar

de dormir.» O Casmurro continuava impassivel. O soldado sacudiu-lhe o hombro com força: «Eh! Arriba! Se você não tem casa, tóca p'ra estação.» O rapaz levantou-se, arregalou os olhos e explicou que sentia uma dôr; por isso é que estava ali assentado.

E foi-se. Quando chegou á casa marcava o relógio do Gazometro meia-noite.

A mãe estava ainda na saleta, cuidando de umas peças de roupa lavada. Sobre a meza, dentro de um papel escuro viam-se restos de pão e de carne fria; uma garrafa de vinho, desarrolhada, indicava que tinham ceiado ha poucos momentos. O rapaz entrou sem dizer uma palavra, nem sequer deu a boa-noite, á mãe; e ella em pé, com uma camisa entre as mãos, olhando-o desconfiada:

— Oh! filho! vens na chuva?

A palavra, a garrafa de vinho, aquelle papel escuro com restos de comida, acordaram na sua memoria a scena do café. Fictou a mãe, muito pallido, com os labios a tremer, os olhos idiotas, vermelhos de lagrimas

— Antes viesse. E que tens com isto?

Era a primeira vez que o João respondia-lhe assim. Seus pequenos olhos reluziram, largou sobre a meza a camisa, apoiou os punhos aos quadris e ameaçadoramente.

— Vê lá como me respondes. Quem está bebado dorme.

— Eu é que lhe devo dizer isto. Porque quem anda em cafés.

A mulher deu um salto de gata, rapido e firme, atirando-lhe em cheio uma bofetada. O rapaz vacillou, tomou folego como se sahisse de um mergulho e de braços abertos, desvairado, atirou-se á mãe, mas um murro sobre o olho direito, que fez espirrar sangue, obrigou-o a recuar. Leonor correu á saleta, em camisa, com os pés nus, muito assustada. A mãe anciava, a tremer nervosamente, com os punhos fechados: Chega-te, que eu te ponho os queixos de molho. Raça do diabo! Chega-te.

O Casmurro com o rosto banhado em sangue, limpava a ferida na manga do paletot. Leonor interveio, pediu a mãe que se acalmasse, pondo as mãos, a dizer baixo: Meu Deus! meu Deus! que escandalo! Andava, automaticamente, lívida como cêra, de um para outro lado, a tremer: «Vai-te João, vai-te. Que fazes ahí? Anda, recolhe-te,» E foi empurrando-o para o quarto, mas a mãe veio furiosa, e berrou á porta do cubiculo do filho:

— Amanhã, rua; cão! rua, safado!

Estava furiosa. A colera fazia-lhe sacudir os pulsos fechados; os dentes rangiam; na luta cahiram-lhe os botões do paletot, de

sorte que um dos seios bojudos e flácidos estava para fóra da camisa, e, quando ella movia-se, o seio oscillava como um ventre empanturrado

O João atirou-se sobre a cama a soluçar desesperadamente. Muito tarde soergueu-se. A casa estava em silencio e ás escuras. Pela janella aberta entrava uma aragem fria de madrugada

Levantou-se, tolo, sem saber o que fazer, e foi debruçar-se á janella. Sentio então um allivio doloroso. A ferida sobre o olho tinha estancado, começava a crescer. Levou a mão á parte doída, abeirou-a, examinou-a de leve com a ponta dos dedos. Estava terminada a sua existencia de filho de familia !

A mãe expulsára-o, enxotára-o como se repelle um cão magro e immundo. Entre os dous só havia trévas. Nunca mais se ajuntariam. E veio-lhe um tedio profundo pela vida, um desgosto de si mesmo, frio, nojoso, es-
peso.

Parecia-lhe que se tinha coberto de lama e odio ; que era um sapo que sahe de uma cisterna asquerosa. Nada valia-lhe a vida

E para que ? Para ver a irmã prostituida, enxovalhada, experimentada pela multidão ? Para ter mãe e não ter carinhos, ser filho e pedir amizades aos estranhos ? Não ; não precisava mais desta existencia estúpida e vil. Um pouco de coragem e tudo estaria terminado para todo o sempre. Nem humilhações, nem dôres, nem lagrimas, sentiria já-mais.

Instinctivamente foi a uma prateleira, na parede do quarto, e apanhou um embrulho. Pousou-o sobre a cama e tirou uma corda que o envolvia. Era uma corda de linho grossa. Estendeu-a entre os braços, tomando-a pelas extremidades. Tinha mais de uma braça. Deu-lhe uma laçada, e de um pulo transpoz a janella para o quintal.

O céu estava escuro e estrellejado. Do lavante vinha uma aragem fria e reparadora.

Um gallo cacarejava na vizinhança, e um vidro de lampeão luzia n'um becco proximo.

Depois trepou ao abacateiro, dobrou a corda em dous fios, amarrou a extremidade em um galho forte e enfiou o pescoço no laço. Do alto da arvore avistava um longo ondular de telhados escuros, paredes caiadas de casas, duas janellas de um sobrado onde se dansava.

Esteve por algum tempo a olhar aquellas mulheres que rodopiavam na sala, nos braços de homens vestidos de preto. Ouvia a musica: era a mesma que ouvira tocar no café, a *Dolores*. N'uma parede estava um espelho que reflectia a imagem de uma moça vestida de branco, envolta em um véo de gaze que vinha da cabeça aos pés.

Perto della, no sofá, havia um sujeito de casaca, que no espelho se reflectia em parte. Para lá, aqui, allí, além, semeadas como pyrilampos nas campinas, brilhavam chamas de lampeões.

O gallo, na vizinhança, cacarejou outra vez ; houve um barulho tepido de azas, e a aragem matutina sacudio as folhas do abacateiro. O Casmurro, enganchado no galho, estremeceu. Fazia-se tarde. Tinha frio, tinha medo.

Mas as notas da *Dolores* chegaram-lhe aos ouvidos como lembranças da scena do café, da briga com a mãe.

E, fechando os olhos, deixou-se cahir. O abacateiro estremeceu convulsamente, vergou-se. O corpo do rapaz dansava no espaço, volteava, estrebuxando. Fez um esforço para erguer o braço, segurar a corda, des-
embaraçar-se do laço que estrangulava-lhe, mas faltaram-lhe as forças. Quiz gritar, afflicto ; regougou uns sons confusos, abrindo a boca desmesuradamente, como para vomitar a lingua.

A arvore estremeceu ainda.

Elle fez mais um esforço, automaticamente, sacudio as pernas ; depois inteiriçou-se no espaço, e ficou a oscillar, devagar, como uma pendula a que vai faltando corda.

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.

OS BANDEIRANTES

O descobrimento das ricas minas em Cuyabá, em 1718, por bandeirantes sahidos de Itú, tornou frequente o trafego dos invios sertões e vias fluviaes que iam ter ao novo El-Dorado.

Repetidas levas de incansaveis paulistas, para quem não havia obstaculos, que intrepidamente arrostavam os perigos, a fome e a miseria, com uma tenacidade de verdadeiro heroismo, iam esses eternos pesquisadores desentranhar da terra as riquezas segregadas á avidez humana.

Terriveis dramas de sangue contemplaram silenciosas as virgens florestas, as mansas

aguas de seus rios. Grande pasto de carne humana tiveram as feras bravias, os monstros aquáticos, com os corpos das victimas, que tombaram exangues após cruentas pugnas.

E os pobres filhos das selvas, apesar do seu numero ser vinte, cem vezes mais; apesar de sua provada valentia e ferocidade, não podiam obstar que o seu solo fosse traquejado, seus rios percorridos, as riquezas que guardavam arrancadas da terra, e elles, donos e senhores do que era seu, obrigados, por suas proprias mãos, a abrir profundos vallados, a mudar cursos de rios, para que os seus conquistadores se extaciassem com tantas riquezas alli accumuladas.

seguir por elle abaixo até o Paraná e por este á boca da rio Pardo, subir por elle até o porto das Sanguessugas. Daqui eram as canoas e cargas conduzidas á mão ou em carros, por terra, até o rio Camapuan, duas leguas e meia apenas entre um e outro rio, e, navegando por elle abaixo, entravam no rio Coxim, e por este no volumoso Taquary, que desagua no rio Paraguay. Subindo este, entravam no Porrudos (S. Lourenço) e delle no rio Cuyabá, que os conduzia á afamada villa do seu nome.

Esta viagem de S. Paulo a Cuyabá durava geralmente cinco a seis mezes, percorrendo quinhentas e trinta leguas.

Os expedicionarios seguiram sem novidade



OS PAYAGUAZES

Em 13 de Março de 1736 uma leva de exploradores sahidos de Itú, commandados por Pedro de Moraes de Siqueira e seu irmão o capitão Bartholomeu Bueno de Siqueira, lá se arrojou aos perigos da viagem, em busca das riquezas que as opulentas minas de Cuyabá cada vez mais produziam.

O itinerario que os bandeirantes seguiam para Cuyabá era embarcar no porto de Aratiguaba, hoje Porto Feliz, no rio Tieté,

o seu roteiro até que entraram no grande rio Paraguay. Cautelosos, pelos assaltos que os temiveis *Payaguazes* costumavam fazer aos bandeirantes que sulcavam aquellas aguas, os irmãos Siqueiras prepararam-se, caso fossem atacados.

Com effeito, todas as cautelas eram necessarias pelos numerosos desastres acontecidos annualmente aos que procuravam as minas de Cuyabá.

Os *Payaguazes*, dissimulados e traiçoeiros, não perdiam occasião de fazer saltos sobre os transeuntes daquelles rios e banhados, que elles dominavam com suas veleiras *ubás*. Piratas audaciosos daquelle labyrintho de rios e esteiros, estendiam as suas incursões desde Assumpção até Cuyabá. Vivendo mais nos rios, servindo-lhes de casas as suas *ubás*, do que em terra, arrojados e valentes, peritos nadadores, nos combates que afoutamente levavam a quem sulcava aquellas aguas, se encontravam forte resistencia; retrocediam velozes, e, para que as armas de fogo os não fossem ferir na fuga, lançavam-se ao rio, virando a canoa, e por baixo d'agua a conduziam, para mais longe de novo embarcar e sumir-se como o relampago.

Armados de arco e flecha, serviam-se ainda de lanças curtas, com pontas de ferro, que empregavam nas abordagens ou para em dis-

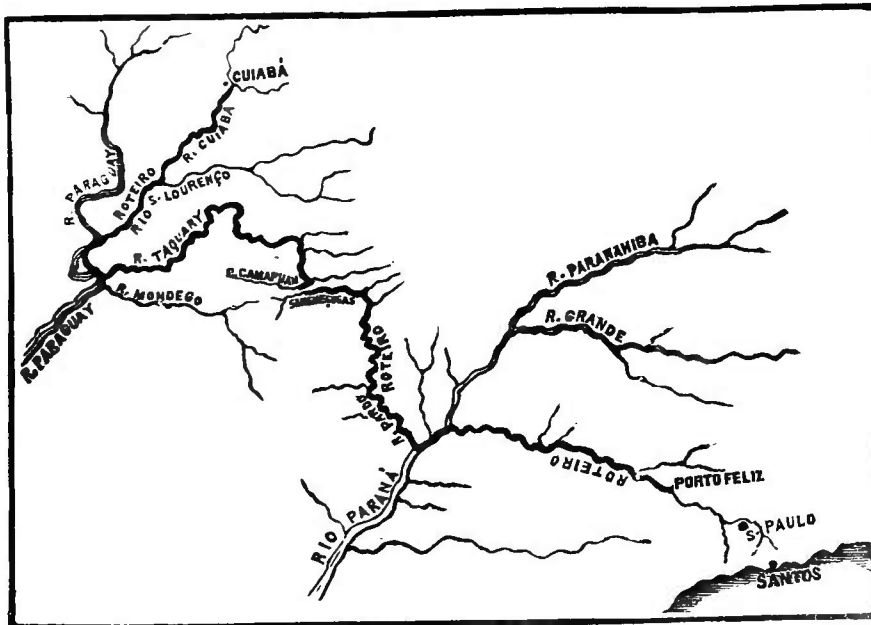
na fortaleza de seus braços. Então a luta recrudescia. Cahem ao rio montões de cadaveres, e as canoas dos *Payaguazes*, vãs, por falta dos seus guerreiros, são substituidas por outras trazendo novos atacantes, que a seu turno tombam exangues, cortados pelos facões e projectis dos atacados.

Actos de heroismo foram praticados nesta sangrenta peleja. Um franciscano chamado Fr. Antonio de Nascentes, por antonomasia o *Tigre*, por ser dotado de herculeas forças, tornou-se notavel pela valentia que desenvolveu neste terrivel combate, em que succumbio depois de fazer horrerosa matança nos piratas canoieiros.

O intrepido commandante, Pedro de Moraes de Siqueira, tambem foi um dos que succumbiram neste disputado combate, bem como quasi todos os seus bravos companheiros.

O que, porém, mais se distinguio neste mortifero e prolongado prelio foi o mameluco Manoel Rodrigues, natural de Pindamonhangaba, appellidado o *Mandu-uassú* por causa da sua estatura e corporencia. Valente como as armas, o seu mosquete não cessava de troar, levando a morte aos encarniçados *Payaguazes*, e emquanto sua mulher, heroína como elle, que o acompanhava carregava a arma, elle, de facão em punho, decepava braços e cabeças dos que tentavam assaltar-lhe a canoa.

Longas horas eram passadas em disputado combate, motivando grande carnificina de



Roteiro de S. Paulo a Cuyabá seguido pelos antigos bandeirantes

tancia arrojarem sobre seus inimigos. Aliados dos *Guaycurús*, ou cavalleiros, passavam estes em suas canoas quando tinham de fazer incursões, dividindo as presas como bons amigos.

Subindo rio acima, a pequena frota paulistana foi inopinadamente atacada pelos terriveis canoieiros, no lugar chamado *Carandá*.

Travou-se a peleja, renhida, mortifera. A' vozzeria infernal dos atacantes, ao chuveiro de settas por elles disparadas, respondeu mortifero fogo de arca buzes com que os bandeirantes estavam armados.

E os *Payaguazes*, máo grado as balas rarearem as suas fileiras, avançam sempre, arrojando-se á abordagem, fiados no seu numero,

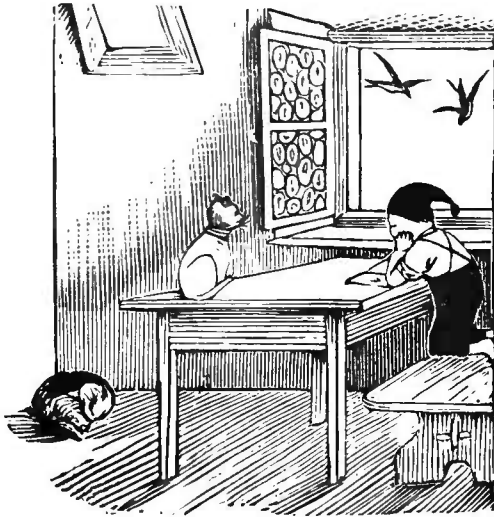
um e outro lado, até que os *Payaguazes*, reduzidos a pequeno numero, buscaram a fuga a esconder-se nos sangradouros e esteiros do famoso rio Paraguay.

O valente Manoel Rodrigues, vencedor alfim, vogou rio acima com os poucos sobreviventes deste terrivel combate, chegando a Cuyabá extenuado, ferido, onde por seu heroismo foi merecidamente premiado com o posto de capitão do regimento dos pardos.

A nossa estampa representa a scena dos terriveis *Payaguazes*, ou canoieiros, largando de um sangradouro em busca da presa, emquanto suas mulheres e filhos se despedem delles prazenteiros, esperançados nos despojos da victoria.

CRIANÇADAS

O Antonico estava a destrinçar o *Hilario*, o gato sentado sobre a meza a ver os astros, e o cachorrinho a dormir tranquilamente quando duas andorinhas que andavam pelo espaço a cantar amores...



entram pela janella a dentro.

Agora vereis.

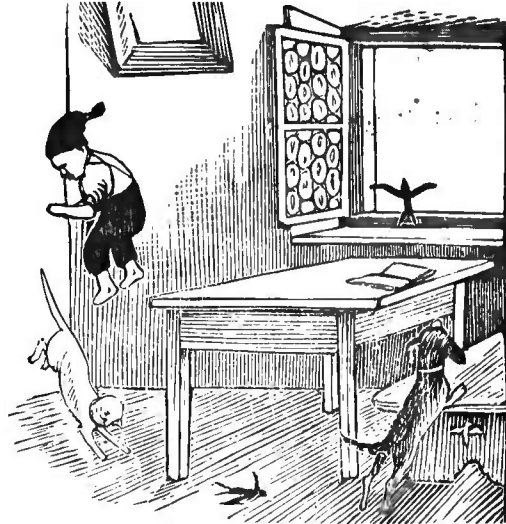
O Antonico dá um grito, o gato salta a uma e o cachorro a outra andorinha.



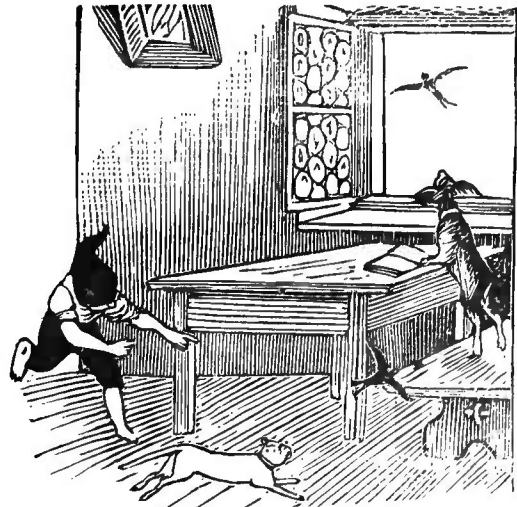
Mas as andorinhas sahem pela janella e os tres—cachorro, gato e Antonico ficam a ver navios.



Gostando da brincadeira as andorinhas voltam de novo e recomeça o gyro vertiginoso. La vão os cinco—uns atrás dos outros.



O Antonico sacula os domesticos contra as andorinhas, mas as andorinhas têm azas e zombam de tão fracos caçadores e vão-se pondo novamente ao fresco.



E os tres—Antonico, gato e cachorro ficam estatelados á janella de boca aberta.

